



AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA A SERVIÇO DA INCLUSÃO SOCIAL: ACOLHENDO CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E SUAS FAMÍLIAS

Prof. Dra. Olga Solange Herval Souza¹
olga.misty@yahoo.com.br

Prof. Dra. Gilca Lucena Kortmann²
gilca@unilasalle.edu.br

Resumo

O presente artigo relata ações que atendem ao Plano de Desenvolvimento Institucional do Unilasalle a fim de promover a extensão aberta à participação da comunidade carente, visando socializar os conhecimentos gerados na instituição, colaborando para a melhoria da qualidade de vida das pessoas por ele atingidas. Trata-se do Núcleo de atendimento à comunidade na área de Desenvolvimento Psicopedagógico, que atende desde o bebê no campo da Estimulação Precoce, acompanhando o desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos no intuito de promover o bem-estar de pessoas em situação de vulnerabilidade social na comunidade local e municípios próximos de forma integral e preventiva.

PALAVRAS CHAVE: Psicopedagogia • Laboratório de aprendizagem • Responsabilidade social • Família • Comunidade.

Abstract

This article addresses actions that meet the Unilasalle's Institutional Development Plan aiming to promote the extent open to the participation of the needy community, in order to socialize the knowledge generated in the institution, collaborating to the improvement of people life quality. This is the community service center in the psychopedagogical development area, serving from the baby in the Early Stimulation area, following children development, up to adolescents and adults in order to promote the welfare of the people in situations of social vulnerability of the local community and nearby towns in a thorough and preventive manner.

KEY WORDS: Psychopedagogy • Laboratory of learning • Social responsibility • Family • Community.

¹ Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil. Professor titular no Centro Universitário La Salle – UNILASALLE. Professor M5 na Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre – SMED.

² Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Especialista em Psicopedagogia Clínica, Educação Especial, Psicomotricidade, Estimulação Precoce para bebês com patologias e Terapia de Casal e Família. Professora e coordenadora da graduação e pós-graduação em Psicopedagogia do Centro Universitário La Salle – Porto Alegre - RS. Diretora da Clínica Mediação Centro de Terapias Integradas. Membro do grupo de estudos em neuropsicologia da UFRGS/2011.

INTRODUÇÃO

O Centro Universitário Lasalle, criou em 1995, o atendimento comunitário às crianças com problemas no desenvolvimento neuropsicomotor que mais tarde veio a chamar-se NAPSI-*Núcleo de atendimento à comunidade na área de Desenvolvimento Psicopedagógico* com o objetivo de atender programas sociais em rede, promovendo gratuitamente assistência educacional ou de saúde. Suas ações estão voltadas à promoção e atendimento às necessidades básicas do indivíduo e da família favorecendo sua autonomia e promoção social também na perspectiva da Assistência Social.

A assistência social realiza-se de forma integrada às políticas setoriais, visando ao enfrentamento da pobreza, à garantia dos mínimos sociais, ao provimento de condições para atender os direitos sociais. Os programas sociais em rede têm por objetivos:

- A proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;
- O amparo às crianças e adolescentes carentes;
- A promoção da inclusão ao mercado de trabalho;
- A habilitação e reabilitação das pessoas com deficiência e a promoção de sua inclusão à vida comunitária.

Os trabalhos em rede realizam-se de forma integrada às políticas setoriais, visando ao enfrentamento da pobreza, à garantia dos mínimos sociais, ao provimento de condições para atender contingências sociais e à universalização dos direitos sociais. (LOAS Lei 8742.DE 7 DE DEZEMBRO DE 1993).

Desde a década de noventa, a Rede Lasallista, através do seu Centro Universitário, por meio do Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucio-

nal, primeiramente através dos cursos de Pós-Graduação Lato-Sensu e, posteriormente, do curso de Bacharelado em Psicopedagogia (2003), desenvolve Programas em rede de apoio social para que os alunos desses Cursos e outros que desejarem se inserir venham prestar atendimento no campo das dificuldades de aprendizagem, distúrbios e transtornos do desenvolvimento, assim como as famílias, tenham cada vez mais consciência do quanto podem investir nos seus entes.

Atendendo ao Plano de Desenvolvimento Institucional do Centro Universitário Lasalle, Unilasalle, este trabalho de apoio social busca promover a extensão aberta à participação da comunidade carente, visando socializar os conhecimentos gerados na instituição, colaborando para a melhoria da qualidade de vida das pessoas por ele atingidas; desenvolvendo a cultura dentro de uma visão cristã e adaptando à realidade, as dificuldades que as pessoas encontram.

Trabalhamos colaborando na investigação da verdade e na busca de soluções dos problemas humanos, através da análise e difusão do pensamento ético, moral e social cristão, contribuindo com a comunidade local para seu desenvolvimento pessoal, social, e cultural.

Sendo o UNILASALLE um Centro Universitário que se insurge numa vocação natural que predestina a Instituição na manutenção de atividades de extensão comunitária de atenção integral à humanização da população, de forma a prestar-lhe atendimento qualificado, ao mesmo tempo investe em ações socio-assistenciais, assim como fortalece ações de Responsabilidade Social nas comunidades em que se insere, a partir de suas práticas enquanto instituição de ensino superior.

Dessa forma, cria-se um núcleo de atendimento à comunidade na área de Desenvolvimento Psicopedagógico





que atende desde o bebê recém-nascido no campo da Estimulação Precoce, acompanhando o desenvolvimento de crianças, adolescentes, adultos e terceira idade com o intuito de promover o bem-estar de pessoas em situação de vulnerabilidade social na comunidade local e vizinhança próxima, de forma integral e preventiva. Busca o equilíbrio mental e físico através de atividades educativas, informativas e intervencionistas, de acordo com a demanda populacional direcionada pelo sistema municipal de saúde, educação e assistência social, também atendendo ao que preconiza a LOAS, Lei Orgânica da Assistência Social em seu artigo 2º, inciso e parágrafo único, bem como integrando-se ao teor da Lei 8080/1990 possibilitando com isso efetiva possibilidade de transformação social no meio em que o indivíduo está inserido.

Sabe-se comprovadamente que populações com baixos índices de acesso à educação, saúde e trabalho, constituem variáveis significativas para a pouca qualidade de vida, assim como as condições de acesso aos serviços essenciais e aos mínimos sociais.

Petrini (2003) afirma que, *à medida que a família encontra dificuldades para cumprir satisfatoriamente suas tarefas básicas de socialização e de amparo /serviços aos seus membros, criam-se situações de vulnerabilidade.* A vida familiar para ser efetiva e eficaz depende de condições para sua sustentação e manutenção de seus vínculos.

Pobreza não pode ser definida de forma única, mas ela se evidencia quando parte da população não é capaz de gerar renda suficiente para ter acesso sustentável aos recursos básicos que garantam uma qualidade de vida digna. Esses recursos são água potável e tratada, saúde, educação, alimentação, moradia, renda e cidadania. De acordo com Yasbek (2003) *são pobres aqueles que, de modo temporário ou*

permanente, não têm acesso a um mínimo de bens e recursos sendo, portanto, excluídos em graus diferenciados da riqueza social. O que justifica o investimento nas ações dos projetos do NAPSI, junto à população de Canoas - município do RS onde se localiza o Unilasalle. Da mesma forma, municípios vizinhos como Esteio, Sapucaia do Sul, Cachoeirinha, Gravataí, procuram nossos serviços para atendimento psicopedagógico à sujeitos com déficits no desenvolvimento, e isso tem sido nossa proposta uma vez que criar condições de superação é caminho eficaz para a mudança de comportamento e atitude diante da pobreza. A situação de vulnerabilidade social da família pobre se encontra diretamente ligada à miséria estrutural, agravada pela crise econômica que lança o homem ou a mulher ao desemprego, subemprego e da dependência financeira externa ao núcleo familiar. Para Kaloustian (1994) *por detrás da criança excluída da escola, nas favelas, no trabalho precoce urbano e rural e em situação de risco, está a família desassistida ou inatingida pela política oficial.* Corroborando com esse autor, Martins (1993) afirma que *a criança abandonada é apenas a contrapartida do adulto abandonado, da família abandonada, da sociedade abandonada.*

Dessa forma, compartilhamos, neste momento, um dos trabalhos comunitários que vem sendo desenvolvido junto à comunidade carente que é o atendimento “Psicopedagógico em escuta e intervenção a pais de alunos que apresentam transtornos de déficit de atenção e hiperatividade”, que é constituído por alunos carentes da comunidade do município e do entorno. Este trabalho descreve elementos da narrativa trazidos pelas famílias que frequentam o NAPSI – Núcleo de atendimento Psicopedagógico cujos filhos são atendidos porque apresentam como queixa, da família e da escola, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Neste laboratório traba-



lhamos com grupo focal composto por 16 pais e mães de crianças em idade escolar, que tenham um ou mais filhos com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e que estejam manifestando dificuldades de aprendizagem. Os mesmos são divididos em dois grupos que se alternam quinzenalmente. Esses pais deverão ter um nível sócio-econômico baixo e não apresentar patologias associadas que impeçam de serem entrevistados. São encaminhados pelas escolas públicas do entorno, ou através de profissionais da área da Saúde/Educação (neuropediatra, psicólogos dos postos SUS da cidade). Além das crianças, seus pais, professores e outros profissionais ligados à rede do aluno são contatados.

A partir da prática como psicopedagoga com formação em terapia familiar, atendendo em especial a essa clientela, aprofundo essa temática, pois entendemos que, pelo viés das leituras e práticas como terapeuta da linha sistêmica, poderemos melhor compreender as não-aprendizagens das crianças.

Com vistas ao ingresso, à inclusão e participação efetivas da clientela atendida pelo programa no sistema regular de ensino, o núcleo conta também com a prática de uma pedagoga, docente do curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, com formação em diferentes áreas da educação especial, com ênfase nos estudos pertinentes à educação inclusiva de alunos com necessidades educacionais especiais. Assim, para conta da demanda, a psicopedagogia e a pedagogia especializada se entrelaçam e permeiam as nossas práticas cotidianas, afirmando mais uma vez, o compromisso do Centro Universitário Lasalle com a comunidade e a escola.

A CRIANÇA, A FAMÍLIA E A ESCOLA

Atualmente, sabe-se que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperati-

vidade (TDAH) é um dos transtornos mais comuns apresentados na infância.

Barkley (2002) define:

“Transtorno de Déficit de Atenção como um transtorno do desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com os períodos de atenção, com o controle do impulso e com o nível de atividade, que são refletidos em prejuízo da vontade da criança ou em sua capacidade de controlar seu próprio comportamento relativo à passagem do tempo, em ter em mente futuros objetivos e consequências.”

Assim, encontramos inúmeras pesquisas e livros que abordam esse tema, pois se constatam grandes dificuldades na família - principalmente dos pais e daquelas pessoas que se encontram próximas dessas crianças no manejo de situações específicas e características desse transtorno.

A literatura pertinente ao tema, em grande parte, refere-se às dificuldades e ao estresse dessas famílias, destacando a dificuldade dos pais em lidar com as características apresentadas pelas crianças que têm esse diagnóstico. Dessa forma, não é raro encontrar literatura que se propõe a oferecer indicações do que fazer, de que maneira agir para obtermos os melhores resultados na educação dessas crianças.

A presente pesquisa estuda os pais das crianças em idade escolar com o diagnóstico de TDAH, objetivando identificar que tipos de estratégias educativas eles utilizam e quais consideram mais eficazes na orientação e educação dos filhos. A ideia da pesquisa é evidenciar os recursos que os familiares possuem diante de tal situação, a fim de evidenciar e fortalecer as suas potencialidades.

A ideia de estudar as estratégias educativas surgiu a partir da observação das famílias que atendemos e



da necessidade de buscar, através de pesquisas, onde encontrar literatura a respeito da patologia e disfunções das famílias cujas crianças apresentam diagnóstico de TDAH e os conflitos existentes nessas relações.

Assim, como objetivo amplo, este estudo procurou rever os aspectos da interação pais-crianças, em uma abordagem sistêmica, em termos de detectar aspectos de saúde e a funcionalidade existentes nessas famílias que convivem com estas dificuldades, bem como identificar os tipos de estratégias de solução de problemas educativos empregados pelos pais, quais são considerados mais eficazes, quais as formas de orientação e educação dos filhos e quais recursos são utilizados perante dificuldades que surgem na vida escolar de seus filhos.

A observação clínica aliada às intervenções psicopedagógicas, ao longo de muitos anos de trabalho nos permitem constatar que as relações peculiares de pais com filhos que apresentam TDAH mostram-se, de forma geral, mais estressantes quando comparadas/contrastadas com as relações de pais de crianças que não as apresentam.

Está amplamente demonstrado na literatura empírica que as crianças com TDAH têm mais interações negativas com seus pais, os quais se mostram mais autoritários, repetindo o que é solicitado com maior frequência do que outros pais. Esses pais também percebem essas interações de forma mais negativa do que aqueles que têm filhos sem o diagnóstico de TDAH.

Podemos entender, então, que o contexto familiar onde essas crianças se encontram inseridas é descrito, frequentemente, como caótico e exaustivo. As causas disso são as necessidades encontradas pelos pais com esse(s) filho(s) e a tentativa de solucionar determinadas dificuldades que são ca-

racterísticas de tal transtorno - (KENDALL e SHELTON, 2003).

Sabemos que a trajetória dessas crianças é permeada pela ansiedade dos pais em encontrar soluções para a problemática da dinâmica familiar, e buscam na escola um ambiente seguro, preparado para receber e atender a todas as crianças e adolescentes, considerando as suas peculiaridades. Entretanto, a escola que temos hoje se mostra em crise, diante da globalização social que atinge todos os sistemas, desde os produtivos, até o desenvolvimento econômico, o que tem gerado significativa exclusão social. E também devido às mudanças de paradigma da ciência e do conhecimento que influenciam diretamente na qualidade da formação docente e, consequentemente, no processo ensino-aprendizagem, a escola parece se manter, na maioria das situações, distante e desarticulada do seu meio (CANDA, 2000). Outro aspecto ressaltado pela autora, é a crítica muito comum que denuncia o caráter padronizador, homogeneizante e monocultural. Segundo ela, isso transforma a escola em um espaço onde se dialoga pouco, ou sequer se dialoga com as culturas dos sujeitos que dela fazem parte. Essas considerações, e tantas outras que poderíamos aqui arrolar, apresentam a escola que temos, em regra, como um lugar desinteressante e pouco comprometido com a realidade complexa que marca a nossa sociedade, aqui em particular a infância e as famílias.

Observamos que, à medida que as mães se tornam mais responsabilizadas por esses cuidados, são elas que recebem, na maioria das vezes, as queixas e dificuldades apresentadas pelas crianças em diferentes situações, quando ingressam na escola, ou durante seu processo de aprendizagem, e convivência. Assim, podem apresentar sentimentos de incompetência diante dessas demandas. (MALACRIDA, 2001).



Essa “grande luta” pode durar anos, com períodos de ataques e contra-ataques, pelos mais diversos motivos. No início, de uma forma mais branda e, com o decorrer do tempo, agravando-se.

Identificamos que as características apresentadas por essas crianças interferem nas relações que elas estabelecem, criando mais conflitos na realização do que lhes é solicitado e nas interações com as pessoas.

Crianças com TDAH apresentam problemas sérios ao se envolverem com outras em jogos ou trabalhos juntas, pois manifestam uma impulsividade e dificuldade em lidar com suas limitações. Atrapalham-se e perdem-se no jogo, por exemplo, normalmente geram irritações e brigam.

Podemos destacar, dos trabalhos que lemos e de nossa prática psicopedagógica, de modo geral, que existe a necessidade de entendimento de alguns sentimentos de mal-estar e ambivalência que os pais demonstram ao perceberem algum fracasso de seus filhos na escola. Encontramos, também, famílias que têm formas próprias de lidar com estratégias de aprendizagens e de enfrentar dificuldades.

Atualmente, existem diversos livros e manuais direcionados para pais com filho com TDAH, que trazem estratégias de como lidar com essas crianças de forma a obter os comportamentos desejados. Tomamos como exemplo o livro de Barkley (2002), em alguns capítulos, com os seguintes títulos: “Quatorze princípios para criar uma criança com TDAH; Oito passos para ter um melhor comportamento...”. Identificamos, assim, a necessidade dos pais de buscarem recursos e informações concretas sobre a forma de lidar com seus filhos. Percebemos que esses pais, muitas vezes, encontram-se mais estressados e cansados, devido à dificuldade em fazer com que

seus filhos cumpram o que lhes é solicitado. Assim, sentimentos de impotência, ineficácia, bem como a falta de compreensão do que está acontecendo parecem ser sentimentos comuns entre os pais das crianças com esse transtorno.

As crianças com TDAH habitualmente demonstram mais dificuldades em atender às disciplinas, cumprir suas obrigações, realizar os afazeres domésticos e os deveres escolares e respeitar os horários seguidos por sua família. Isso acaba conduzindo à tentativa crônica, por parte dos pais, de estabelecer limites, colocando penas rigorosas e limitações cada vez mais inflexíveis, de maneira que os filhos cumpram o que é determinado.

Encontramos pesquisas que falam de diferentes maneiras sobre as dificuldades de aprendizagem e família, como Polity (1998), que descreve o quanto é frustrante para qualquer família lidar com esse empecilho apresentado por seus filhos, com suas várias problemáticas, *o que mostra como podem ser vistas por um ângulo diferente, que desvele e consolide outra abordagem possível para tais problemas.*

Também Bianchini (2001) fala da possibilidade de ampliar a inter-relação e a interação entre a família, a escola e o filho/aluno na ação educativa e acredita que o fortalecimento da união desses dois sistemas ajudará na promoção da aprendizagem dos filhos/alunos.

Nessa mesma linha, Cervený (1997) afirma que os padrões de repetição determinam a formação e/ou rompimentos de vínculos afetivos, influenciando sobremaneira o funcionamento e a hierarquia da família. Portanto, diz o autor, o grupo familiar passa seu modelo e as gerações mais novas podem aprender a aprender, ou não, e, em muitas famílias, o destino



da criança já está selado antes do nascimento pelas próprias expectativas e interesses gerados.

Já sobre a atuação do psicopedagogo institucional sistêmico Gasparian (1997) esclarece que esse profissional deve trabalhar de forma a orientar a família e as instituições sobre características das diferentes etapas do desenvolvimento, sobre o progresso nas aprendizagens, sobre as condições psicodinâmicas e determinantes destas mesmas dificuldades da aprendizagem, não só em nível de defasagem de conteúdo, mas ainda em áreas cognitivas algumas vezes relacionadas a aspectos também sociais e psico-afetivos.

Atualmente, existem autores que discutem sobre questões referentes a dificuldades de aprendizagem em crianças com TDAH e enfocam os problemas no aluno, no professor e na própria família. No entanto, poucos se propuseram a estudar como os pais das crianças em idade escolar com diagnóstico de TDAH lidam com tal situação.

Percebemos, através de nossa atuação profissional nessa área, há mais de trinta anos, somados aos quase 18 anos junto ao Núcleo do Lasalle, quanto as famílias cujos filhos apresentam esse transtorno manifestam sentimentos de impotência, de estresse e verbalizam cansaço devido às dificuldades em fazer com que seus filhos aprendam o, que muitas vezes, gera exclusão escolar e, pelo desestímulo, abandonam a escola.

Embora saibamos que as aprendizagens podem ser definidas como um processo contínuo de vitórias e derrotas, conquistas e perdas, para aprender é preciso reconhecer e admitir que não se sabe, que se necessita de algo que outro possui e, portanto, reconhecer que se está em desvantagem em relação àqueles que já sabem, numa linguagem competitiva, porque se está

perdendo. Isto tanto para famílias, quanto para aluno, é extremamente desestimulante, pois não nascemos com a ideia de que podemos perder. Porém, em aprendizagem também se perde: quando é preciso abrir mão de ideias às quais estamos acostumados, de certezas que precisam ser revistas, da ilusão de que é possível controlar o que está ao redor não mexendo em nada, cuidando para que tudo fique arrumado de forma a não abrir brechas para algo desconhecido que possa ameaçar a sensação de segurança.

Muitas pessoas deixam de ampliar seu universo de conhecimentos, por receio de entrar em contato com suas incertezas. Muitas famílias deixam de aproveitar momentos de crise, que poderiam resultar em aprendizagens e crescimento, para fugir da desarrumação e do desequilíbrio.

Ao avaliarmos como as famílias constroem suas narrativas em torno do sintoma TDAH e da não-aprendizagem, consideramos algumas análises:

- As dificuldades educativas em lidar com o filho-aluno com TDAH;
- Estrutura familiar com emaranhados; dificuldades de adaptação ao ciclo vital;
- Padrões de repetição; padrão de aprendizagem familiar; manejo dos segredos e mitos familiares. Esses componentes dão sustentação para a construção das narrativas familiares, uma vez que são elementos que se tramam e ajudam a definir cada grupo dentro de suas individualidades.

A escola, que é considerada como um outro ponto forte de contribuição para o entendimento das dificuldades de aprendizagem, atua nas chamadas “dificuldades de ensinagem”, termo usado no campo psicopedagógico para



se referir a abordagens inadequadas do professor, à falta de disponibilidade ou inflexibilidade de alguns em perceber os caminhos para “olhar o aluno” e chegar a ele. Essa dificuldade de “ensinagem” pode ser relacionada ao movimento de ensinar carregado de ansiedade, o que lembra “obrigação”, peso, medo e frustração para não entender o aluno. É um movimento permeado por fantasias de incompetência que geram muita raiva em determinadas ocasiões. Há um impasse entre a angústia do aluno que não consegue aprender e o professor que não consegue ensinar. Nesses casos, o professor vira espelho refletido nas dificuldades e emoções do aluno que tem medo que as emoções guardadas venham à tona.

Existe ainda a frustração de distinguir o aluno diferente do aluno sonhador; e o fato de se deparar com o aluno real leva-o ao luto pela imagem idealizada. Muitas vezes o aprendiz é sentenciado pelo seu baixo desempenho.

Não existe, na verdade, a pretensão de apontar culpados (aluno, família, ou escola), visto que isso seria uma visão reducionista que fere os princípios sistêmicos; mas torna-se oportuno enfatizar que a aprendizagem é relacional e os sistemas envolvidos são co-responsáveis e se influenciam mutuamente.

Consideramos que o processo de aprendizagem é sustentado por muitos eixos; mas, sobretudo, o cognitivo, o afetivo, o relacional, o técnico e o político, que são indissociáveis e sobrepostos, fazendo com que as ações humanas tenham de se articular de diferentes formas. Essas articulações acontecem quando efetivamente realizadas em redes que buscam os mesmos objetivos, ou seja, o “de ensinar as crianças a aprender” a partir das interações sociais.



REFERÊNCIAS

- BARKLEY, R.A. *Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): guia completo para pais, professores e profissionais da saúde*. Porto Alegre: Art-med, 2002.
- BIANCHINI, M.G. *A escuta do filho/aluno: elo de ligação entre o sistema familiar e o escutar*. São Paulo: UNIFIEO, 2001.
- CANAU, V.M.F. Cotidiano escolar e cultura(s): encontros e desencontros. In: CANAU, V. M. F. *Reinventar a escola*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.61-78.
- CERVENY, C.M.O. *A família como modelo: desconstruindo a patologia*. São Paulo: Lemos, 1997.
- GASPARIAN, M.C.C. *Contribuição do modelo relacional sistêmico para a psicopedagogia institucional*. São Paulo: Lemos, 1997.
- KALOUSTIAN, S.M. *Família brasileira: a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 1994.
- KENDALL, J.; SHELTON, K. A typology of management styles in families with children with ADHD. *Journal of Family Nursing*. v. 9, p. 257-280, August 2003.
- MALACRIDA, C. Motherhood, resistance and attention deficit disorder: strategies and limits. *Canadian Review of Sociology/Revue canadienne de sociologie*, v. 38, n. 2, p. 141-165, May 2001.
- MARTINS, J.S. *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- PETRINI, J.C. *Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- POLITY, E. *Ensinando a ensinar*. São Paulo: Lemos, 1998.
- YASBEK, M.C. *Classes subalternas e assistência social*. São Paulo: Cortez, 2003.

Recebido para publicação em 17.11.2010

Aceito em 13.12.2010